

Cultura

Um Alkantara de Portugal à Costa do Marfim

Mariana Duarte

Marco Mendonça, Nadia Beugré, Gaya de Medeiros e Marcelo Evelin estão entre os primeiros destaques da próxima edição do festival

O *blackface* como prática teatral racista, a existência e a resistência da comunidade transgénero de Abidjan, na Costa do Marfim, e uma série de intervenções no espaço público em torno de problemáticas como a gentrificação são algumas das questões que pontuarão a próxima edição do Alkantara Festival, a acontecer entre 10 e 26 de Novembro em Lisboa.

Entre os primeiros destaques do programa, anunciados ontem, encontram-se, como vem sendo habitual, espetáculos nacionais e internacionais de dança, teatro e *performance* que se propõem a abordar urgências e desassossegos das sociedades contemporâneas, abrangendo diferentes geografias.

Em *Blackface*, Marco Mendonça, nascido em Moçambique, explora as raízes e as práticas teatrais racistas do *blackface* – ou seja, a prática histórica

de actores brancos pintarem a cara de negro, caricaturando e rebaixando pessoas africanas e afrodescendentes. A partir de vivências pessoais e da história do *blackface*, com origens nos Estados Unidos mas de que há vários casos registados em Portugal, o actor radicado em Lisboa cria “uma conferência musical, entre o *stand-up* e a fantasia, entre a sátira e o teatro físico, entre o burlesco e o documental” para questionar os limites do que pode ser representado em palco.

Gaya de Medeiros, criadora brasileira também sediada em Lisboa, regressa ao Alkantara com uma nova versão do seu mais recente espectáculo, *Pai para Jantar*. Estreado na última Festival Dias da Dança, é um exercício partilhado e intimista sobre os lastros e os conflitos em torno dos arquétipos da masculinidade, guiado pela força poética e política, desapegada de julgamentos desta artista que é uma presença cada vez mais portentosa no circuito das artes performativas portuguesas.

Atenções redobradas também para Nadia Beugré, coreógrafa da Costa do Marfim a viver em França, onde dirige a companhia Libr’Arts. Depois de ter passado pelo Alkantara com O



Profético (Nós já Nascemos), da costa-marfinense Nadia Beugré

Homem Raro, regressa para apresentar mais um capítulo da sua pesquisa sobre questões de género, identidade e marginalidade: *Profético (Nós já Nascemos)* resulta de um contacto continuado com a comunidade transgénero de Abidjan, capital cultural e económica da Costa do Marfim.

Cabeleireiras durante o dia, rainhas das pistas de dança à noite, as pessoas “trans” de Abidjan vivem e sobrevivem entre a luz e a sombra,

numa sociedade “extremamente patriarcal” que as vê como “loucas” e “maricas”. *Profético (Nós já Nascemos)* é protagonizado por membros desta comunidade, que estabelecem as suas próprias danças, cruzando o *voguing*, hoje transversal a comunidades LGBTQI+ de várias latitudes, com o *coupé-décélé*, que germinou entre a diáspora parisiense da Costa do Marfim.

O outro espectáculo anunciado

nesta primeira leva é *Uirapuru*, do coreógrafo brasileiro Marcelo Evelin, presença regular em Portugal. Instigado pela cosmogonia muito particular da floresta brasileira, inevitavelmente associada ao pensamento dos povos indígenas, debruçou-se sobre a história do uirapuru – um pássaro em vias de extinção – para criar uma coreografia minimalista que se desvia do habitual, e intenso, corpo-a-corpo dos seus trabalhos.

“São projectos que nos convidam a olhar para a relação com os corpos: a partir da história de práticas racistas, da relação com o desejo e com a identidade de género, a partir das relações familiares que estabelecemos ou da forma como a dança pode ser um espaço para experimentar o nosso lugar na natureza, na cultura, na sociedade”, diz David Cabecinha, que partilha a direcção artística do Alkantara com Carla Nobre Sousa, citado no comunicado enviado à imprensa.

O festival deste ano terá como coprodutores o Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, o Centro Cultural de Belém, a Cultur-gest, o Teatro do Bairro Alto e o São Luiz Teatro Municipal.

Alcobaça: um mosteiro palco de música

Crítica de Música

Orquestra Metropolitana de Lisboa com Christian Lindberg

★★★★☆

Christian Lindberg (trombone e dir. musical). Cerca do Mosteiro de Alcobaça. Obras de Mendelssohn, Lindberg e Mussorgsky. 1/07, 21h30. Sala a 3/4.

Microlungus

★★★★☆

Refeitório do Mosteiro de Alcobaça. Obras de Afonso X e do Livro Vermelho de Monserrat. 2/07, 18h. Sala cheia.

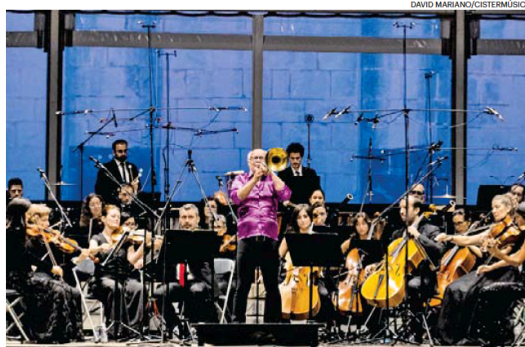
No primeiro fim-de-semana da 31.ª edição do Festival de Música de Alcobaça – Cistermúsica, que se estende até ao final do mês, a noite de sábado foi preenchida por um concerto ao ar livre, protagonizado pela Orquestra Metropolitana de Lisboa (OML) e por uma figura que se move no universo da música erudita como uma estrela pop: Christian Lindberg apresentou-se à frente da OML na quali-

dade de maestro, arranjador, compositor e, ainda, como solista que, voltado para o público, dirigiu a formação que acompanhou o seu trombone.

O bonito cenário da cerca do mosteiro não dispensa a colocação de uma tenda para a orquestra e da inevitável amplificação que pôs os dois contrabaixos a soarem como um poderoso naipe alargado.

Amplamente aplaudida, a abertura *As Hébridas*, Op. 26 (1830), de Mendelssohn, confirmou a marca de confiança que é a OML, com total segurança. Embora não propriamente delicada, a leitura da música de Mendelssohn que Lindberg ofereceu foi muito clara e assertiva, após o que saiu para se apetrechar do instrumento com que interpretaria o seu próprio concerto para trombone e orquestra *Golden Eagle* (2014).

Obra assumidamente tonal e de ritmo quadrado, *Golden Eagle* remete-nos para o imaginário dos filmes americanos de meados do século passado (claramente empobrecido pela ausência de imagem), denunciando um exímio arranjador que domina habilmente o idioma de cada naipe e que sabe fazer uso de todos



Christian Lindberg acumulou a direcção da orquestra e o trombone

os clichés que manobram a expectativa e a emoção, sem se coibir de recorrer a traços de fácil humor. O entusiasmo do público mereceu-lhe um número extra em que o trombonista exibiu, uma vez mais, o à-vontade com que atinge notas gravíssimas e sustenta notas longuíssimas.

Após o intervalo, com uma plateia já um pouco menos numerosa (pois é difícil levar a sério as previsões de frio e vento...), Lindberg posicionou-

se novamente de frente para a orquestra para dirigir, também sem partitura, o seu arranjo da suite para piano *Quadros de uma exposição* (1874), de Mussorgsky, salientando ocasionalmente pormenores menos audíveis na versão orquestral mais divulgada (a de Ravel), por vezes com apontamentos de humor.

Já no domingo, o lindíssimo refectório do mosteiro recebeu o agrupamento italiano Micrologus para um

programa muito diferente. Quem teve a sorte de se sentar nas primeiras filas pôde escutar distintamente cinco cantores e multi-instrumentistas num alinhamento dedicado à música mariana da época das peregrinações medievais, numa prestação até bem mais interessante do que a que se encontra disponível no álbum dedicado às *Cantigas de Santa Maria* que o mesmo grupo gravou no final dos anos 1990.

Voz, harpa, trompete medieval, flautas, flauta de tamborileiro, tambor, gaita-de-foles, viela, rabeca e percussão foram os timbres que se escutaram em múltiplas combinações, num concerto dinâmico em que foram interpretadas obras de dois códices do século XIII (as *Cantigas de Santa Maria* da Biblioteca do Mosteiro de Escorial; e o *Laudario di Cortona* da Biblioteca del Comune e dell'Accademia Etrusca, Ms. 91) e de um manuscrito iluminado do século XIV (o *Livro Vermelho de Montserrat* do Mosteiro de Montserrat).

Também o entusiasmo do público foi brindado com um número extra-programa: uma balada profana italiana do século XIV, apresentada por Patrizia Bovi. **Diana Ferreira**